

Sangrento motim de Lamego lembrado pela Confraria de Enófilos do Douro

No “domingo sangrento” de 20 de Julho de 1915, doze viticultores morreram quando defendiam a denominação de origem *Douro*

CELESTE PEREIRA

A Confraria dos Enófilos do Douro, em associação com a autarquia de Lamego, vai hoje homenagear os mortos do “motim de Lamego” que, há 90 anos, numa época de grande crise e turbulência da história do Douro, lutaram em defesa da região duriense e dos seus vinhos. É a primeira vez que esta região homenageia os mártires que sucumbiram naquele que foi o episódio mais trágico e sangrento de toda a história da Região Demarcada do Douro e do vinho do Porto, uma página desconhecida por uma grande parte dos cidadãos.

“Esta homenagem é o pagamento de uma longa dívida para com 12 durienses que sucumbiram a lutar pelo Douro, mas pretendemos que seja também uma chamada de atenção à actual geração para a grave crise que hoje, como há 90 anos, aqui se vive, desde logo pela ignorância

que do Douro, ainda hoje, tem o país e quem o governa”, sublinha Mesquita Montes, da Confraria dos Enófilos do Douro.

Foi no “domingo sangrento” de 20 de Julho de 1915 que 12 dos cerca de cinco mil viticultores durienses que participavam numa manifestação popular sucumbiram metralhados por um destacamento militar que os recebeu junto à Câmara Municipal de Lamego. O episódio é relatado pelo escritor lamecense João Pina de Moraes no conto *No Douro*, que abre o livro *Sangue plebeu*, publicado em 1942 e reeditado em 2003 pelo Museu do Douro e pela Câmara Municipal de Lamego.

Motim inspirou Alves Redol

Nesta obra, Pina de Moraes toma partido pelos desfavorecidos e explorados que caíram mortos “por uma causa justa e grande, a causa da sua terra, do seu pão e do prestígio do vinho do Porto, de uma maneira trágica e covarde”. Uma década depois, o escritor neorealista Alves Redol utilizou o “motim de Lamego” como desfecho épico do seu livro *Vindima de Sangue*, o último volume da trilogia *Port Wine*, em que abordou os primeiros 15 anos do século XX.

O motim de Lamego é o

culminar de um movimento que se iniciou ainda no século XIX com uma série de motins e movimentações fortes em defesa da região vinhateira como denominação de origem da marca *Porto* e que uniu de uma forma quase única todo o sector do vinho do Porto. Estas movimentações sociais defendiam a aclaração do artigo sexto do tratado comercial com a Inglaterra, que assumia que qualquer vinho português podia ser vendido com a marca *vinho do Porto*.

Logo que o tratado foi assinado, em 12 de Agosto de 1914, os protestos no Douro dispararam. Em 20 de Julho de 1915, após as 12 mortes, o Governo acabaria por aceitar a vontade dos durienses e estipular no tratado com a Inglaterra que o vinho do Porto exportado para aquele país devia ser oriundo da região do Douro e não de qualquer parte de Portugal.

Hoje, 90 anos depois, o Douro começa a pagar a “dívida” aos durienses que pugnaram pela região, numa série de iniciativas que arrancarão no cemitério de Cambres, às 15h00, e continuarão com a inauguração da Avenida dos Defensores do Douro e uma sessão solene na autarquia lamecense, entre outros eventos previstos. ■